



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Caroline do Socorro Freitas Maciel-PPGEDUC¹;
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA):
carolinesocorped13@gmail.com

José Valdinei Albuquerque Miranda-PPGEDUC²;
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA):
jneimiranda@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir a questão de gênero e sexualidade na educação por meio de arte-performance e sua potência inventiva de construir espaços de heterotopias na educação. Busca-se pensar a performance de gênero articulada aos conceitos de corpo, performatividade e linguagem artística que produzem atos de transgressão, resistência e criação de espaços *heterotópicos* na educação. No contexto escolar cotidianamente são desenvolvidas ações para regularização das posturas e dos posicionamentos dos sujeitos, concepções deterministas e instituídas que condicionam e demarcam o lugar para o gênero na escola, contrariamente a essas demarcações rígidas e fixas busca-se, nessa pesquisa, pensar o campo educacional a partir do conceito foucaultiano de *heterotopias*, como ação política de contra posicionamento, de resistência, de criação de espaços de liberdade, frente ao instituído e sacralizado. Em sua perspectiva teórico-conceitual o trabalho dialoga com BUTLER (2017), FOUCAULT (2013), LOURO (2003), PASSETI (2008), LEMEBEL (1986), autores que inspiraram a composição e realização da pesquisa na perspectiva da diferença. A perspectiva aberta por esses autores, conectada aos conceitos de performance e performatividade de gênero, instigam a problematizar as questões de gênero e sexualidade na educação, bem como mobilizar processos de transgressão, resistência e a criação de espaços heterotópicos na educação.

Palavras-chave: Educação, performance, performatividade, gênero, heterotopias.

¹ Mestranda do programa de Pós-graduação Educação Cultura e linguagem PPGEDUC/UFPA.

² Docente do programa de Pós-graduação Educação Cultura e linguagem PPGEDUC/UFPA.



INTRODUÇÃO

A escola tem sido ao longo de séculos concebida como um lugar do instituído, da disciplina, da ordem, da norma, por ser esse lugar da disciplina acaba produzindo delimitações e determinações de lugares por onde as subjetividades e as questões de gêneros podem transitar, nesse sentido deve-se problematizar as concepções deterministas e instituídas que condicionam e demarcam o lugar para o gênero na escola. Em sua perspectiva teórico-conceitual o trabalho dialoga com Judith Butler (2017), Guacira Louro (2016) Michel Foucault, (2013), Edson Passeti (2008), Pedro Lemebel (1998), autores que inspiraram a composição e realização da pesquisa na perspectiva da diferença. A perspectiva aberta por esses autores, conectada aos conceitos de performance e performatividade de gênero, instigam a problematizar as questões de gênero e sexualidade na educação, bem como mobilizar processos de transgressão, resistência e a criação de espaços heterotópicos na educação.

Buscamos discutir espaços de liberdade criados por subjetividades subversivas, que escapam das regras de enquadramento, um corpo que se monta e desmonta, um corpo inventado que potencializa a criação de espaços de

liberdade. Em relação com o contexto educacional esse corpo inventado coloca questões para escola, um *corpo estranho* Louro (2016) que ao expressar pela arte-performance leva a tencionar os limites de um mundo demarcados por fronteira, questiona os poderes disciplinadores e as regras regulatórias que atuam sobre o corpo e a sexualidade nos espaços educacionais.

A performance de gênero borra a fronteira entre a vida e arte, questionado o lugar instituído e naturalizado do gênero, segundo Judith Butler (2017, p. 191) “É o estranho, o incoerente, o que está “fora” da lei, que nos dá uma maneira de compreender o mundo inquestionado da categorização sexual como um mundo constituído, e que certamente poderia ser construído diferentemente”. Destacamos a performatividade do gênero, enquanto uma construção social e não algo natural, nesse sentido propomos a dessacralização do gênero no contexto educacional.

No contexto escolar cotidianamente são desenvolvidas ações para regularização das posturas e dos posicionamentos dos sujeitos, contrariamente a essas demarcações rígidas e fixas busca-se pensar o campo educacional a partir do conceito de *heterotopias*, como ação política de contra posicionamento, de resistência, de criação de espaços de



liberdade, frente ao instituído. Inspirando-se em Foucault no seu texto “O corpo utópico e as heterotopias”, destaca-se que o conceito de *heterotopia* abre a possibilidade de pensar novos agenciamentos coletivos que problematizam os lugares instituídos e sacralizados convencionalmente dando visibilidade a grupos minoritários, especialmente a perspectiva *queer* de comunidades LGBTs.

PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

Permanentemente no contexto educacional ocorrem tentativas de limpeza, reforma e correção do corpo segundo a heteronormatividade, que impõem regras de disciplinamento e padrões de comportamento sobre os corpos. Contrapondo às formas de regulação, pensamos a partir do entendimento de *Corpo Estranho* trazido por Louro (2016), o conceito de corpo não como algo fixo, natural e determinado, e sim sempre em movimento, em construção, um corpo em constante processo de montagem e desmontagem, um corpo que se inventa ao seu modo e desnaturaliza as questões do gênero. Para Butler, “o corpo culturalmente construído será então libertado, não para seu passado “natural”,

nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais” (BUTLLER, 2017, p. 164)

A performance de gênero se inscreve como uma arte que provoca desajustes e contesta as demarcações de gênero, interligando arte-vida e recriando os espaços, para além da heteronormatividade compulsória que silenciam e excluem os sujeitos. Butler, destaca o gênero enquanto uma construção social que internalizamos como algo natural ao longo do tempo por meio do discurso.

A linguagem é investida do poder de criar “o socialmente real” por meio de atos de locução dos sujeitos falantes. [...] A Linguagem é um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos na realidade que acabam sendo percebidos como “fatos”. Considerada coletivamente, a prática repedita de nomear a diferença sexual criou essa aparência de divisão natural. A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato *performativo* institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva



dos corpos.
(BUTLER, 2017, p. 200).

A linguagem ao nomear sujeitos e grupos de determinado modo não simplesmente representa alteridade, mas constrói modos de vida e de identidades que passam a condicionar e regular seu comportamento, seu corpo, seu modo de vida. Pela linguagem o poder disciplinador da “heteronormatividade compulsória” atua sobre o *corpo estranho* na educação impondo-lhe a necessidade de ser normalizado, docilizado, reformado, na escola entram em cena os mecanismos de poder para colocar esse corpo dentro do padrão moral aceitável de convivência.

No espaço escolar habitam múltiplas subjetividades com estilos de vida cada um com sua singularidade, nesse espaço a invenção de processos de normalização e disciplinamento investem na captura e padronização das subjetividades e dos corpos. Discutir a performance de gênero na educação possibilita pensar o corpo e a subjetividade num horizonte de construção e desconstrução, invenção e reinvenção, a partir das experimentações da arte performance, destacamos a dimensão política e estética dos corpos que transitam e inventam novas relações de gênero e formas de convivências com o outro, rompendo fronteiras e desafiando as

regulações impostas pela norma, e com isso possibilitam a criação de espaços de liberdade. As performances de gênero ao problematizar e desviar da norma criam novos espaços para experimentar as relações de gênero para além dos regimes heteronormativos, aproximando do que Passetti (2008) denomina de “heterotopias inventivas na educação”. Pensar a escola como novo espaço de reinvenção do corpo e de subjetividade por meio das performances corporais de gênero capazes de produzir conforme Passetti (2008) “heterotopias anárquicas”, pensamento libertário e subjetividades subversivas.

A performance, enquanto prática artística e cultural, denuncia e interfere na realidade, dando visibilidade as comunidades minoritárias e marginalizadas. Ao propor discutir a performance de gênero, buscamos usar a arte da performance como canal de transgressão e resistência no campo educacional, uma “arte de fronteira no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado “arte-estabelecida, a performance acaba penetrando por caminhos e situações não valorizadas como arte” (COHEN, 2013, p. 37-38). Arte de fronteira que questiona as tramas dos poderes instituídos, a naturalização do gênero, a padronização dos corpos e traz para a cena a expressão das minorias e sua



rebeldia frente aos poderes majoritários, com enfoque dessa pesquisa, nas comunidades LGBTs. A performance de gênero, na educação, é ferramenta de agenciamento e resistência, uma ação política e estética de enfrentamento ao instituído e sacralizado no espaço social e escolar.

Para PEREIRA (2013, p. 32) “a performance interroga, resiste e intervém; designa uma forma libertadora de ação; dissolve as fronteiras entre a arte e a vida; rememora e reflete o vivido; relacionando-se, portanto, com o múltiplo, com o diverso e com o diferente”. A performance como arte de fronteira questiona, resiste e intervém, o corpo político ganha visibilidade, potencializa força inventiva que afirma a vida, nas palavras de Butler “vidas que importam” e que merecem respeito.

A performance de gênero de Pedro Lemebel, escritor e performer chileno, transita no entrelugar, um lugar de fronteira que desconstrói o lugar da representação do gênero, rompendo a fronteira entre o masculino e feminino produzindo enunciações coletivas de um povo que se expressa por meio de sua performance de gênero, seu corpo em performance se torna um corpo político e coletivo. A performance expressa a potencialidade do corpo, não apenas um

corpo que se monta com ornamentos e artefatos, mas o corpo desmontado, desnudado, enquanto potência de agenciamento coletivo.

Na educação, constantemente, a diferença é pensada na perspectiva da limpeza, reforma e correção, a performance de gênero nos permite pensar as questões de gênero e corpo como potência estética e política da diferença, um corpo que afirma modos de vidas que não foram capturados pela norma. A performance de Lemebel e Casas afirma essas vidas e nos impulsiona a questionar os lugares instituídos que condicionam e regulam os corpos e a sexualidade. Assim, “o trabalho do artista de performance é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema” (COHEN, 2013, P. 45).

O performer questiona, através do corpo, a naturalização do gênero entre masculino e feminino, desnaturalizando e desconstruindo o corpo, enquanto um dado natural. Um corpo que se desmontam e se remontam ao seu modo, cria múltiplas possibilidades, escapa da demarcação heteronormativa e recria um corpo como espaço de heterotopia. A performance atua como um “discurso radical, do combate, da militância” (COHEN, 2013, p. 88).



Na performance de gênero o corpo rompe com a dureza e a rigidez do corpo masculino, destacando o corpo, como algo temporário, montagem e desmontagem, indeterminação, indefinido, fronteiro. Um corpo que inventa o seu modo de ser e que experimenta viver na fronteira, não quer se tornar algo fixo e nem almeja uma identidade, mas quer inventar o seu corpo na diferença. Um corpo e uma sexualidade que não se encaixam nos padrões estabelecidos, pois, estão sempre em trânsito, em montagem, em construção, em invenção, um corpo que escapa da ordem binária, feminino ou masculino, homem ou mulher, e se inventa ao seu modo, sem querer ser um ou outro, e sim múltiplos, vários. Um corpo se monta, se desmonta e se remonta permanentemente.

A produção da liberdade de jogar e brincar com o corpo e com o gênero, que se torna uma geografia de fronteira, o corpo como essa superfície de fronteira que se inventa ao seu modo. Discutimos o corpo como movimento, fora da fixidez, da seriedade e da rigidez, na sua fluidez, na leveza dessa montagem e desmontagem que brinca, transita e habita as fronteiras. É desse lugar de fronteira que um corpo inventado, produzido ao seu modo, coloca questões para os espaços, e ao questionar os espaços inventa heterotopias.

Como observa Renato Cohen (2002, p. 27), a arte da performance é uma “arte de fronteira”. Essa denominação se aplica tanto aos elementos que as constituem quanto aos sentidos que ela comporta. Do ponto de vista *constitutivo*, isso aplica a flexibilização de formas expressivas, ou seja, o hibridismo de linguagens artísticas. Do ponto de vista de sua *significação*, tal definição remete ao seu caráter de crítica e denúncia social. (PEREIRA, 2013, p. 28).

Por meio da arte performance nos remetemos as suas características de crítica e denúncia social, as questões de gênero não são discutidas na maioria das escolas, são silenciadas por meio do discurso religioso ainda muito propagado. Pedro Lemebel rompe com suas performances a fronteira polarizada das questões de gênero e da sexualidade, que nos leva a pensar em que sentido a performance de gênero dessacraliza a educação? Seu corpo potencializa a performance de gênero, a fronteira do corpo, para além das polaridades do gênero, tensiona e dessacraliza as determinações naturalistas do corpo em feminino ou masculino, dissolve a fronteira do “ou” e abre a possibilidade de pensar o corpo a partir do



“e” pensar o gênero e corpo como rizoma segundo Deleuze e Guattari:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." [...] Viajar e se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. Mover-se entre as coisas, instaurar uma lógica do E, reverter a ontologia, destituir o fundamento, anular fim e começo. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.
(DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 36)

Um corpo sem demarcações fixas, mesmo que cotidianamente o corpo seja vigiado para seguir formas e padrões, nos propomos pensar esse corpo na lógica rizomática do “e” com a possibilidade de experimentar uma constante movimentação em busca de liberdade. Um corpo-rizoma que está sempre no meio, entra e sai, movimentos transversais entre uma e outra linha polar que lhe permite traçar linha de fugas que escapam às normas, às regras e recriam outros espaços de liberdade.

Um permanente jogo de novas composições que permitem reinventar e produz um corpo na diferença, uma performance de gênero que produz novos agenciamentos minoritários e coletivos. Um corpo-rizoma em constante composição “e...e...e...” um corpo que na sua maquinaria produz novos agenciamentos coletivos, anuncia um mundo possível e afirma outros modos de vida para além das bifurcações e polaridades do gênero.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Figura 1: La última cena – video casa particular



Fotografia: Captura de pantalla casa particular.

Disponível em: <

www.yeguasdelapocalipsis.cl/1989-la-ultima-cena-video-casa-particular>

A performance *La última cena – video casa particular*, ocorreu no final dos anos de 1989 quando Gloria Camiruaga realizava a filmagem de um documentário sobre o prostíbulo travesti “casa particular”. Junto com os travestis do bordel Lemebel e Casas encenaram a última ceia cristã, a inspiração veio de uma tapeçaria pendurada em um dos quartos do lugar com a imagem da “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci.

Figura 2: La última cena – video casa particular



Fotografia: Captura de pantalla casa particular.

Disponível em:

www.yeguasdelapocalipsis.cl/1989-la-ultima-cena-video-casa-particular>

A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo do outro. De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço “outro”. (FOUCAULT, 2013, p. 12).

O que para Foucault (2013) poderia ser lido como um processo de instalar o corpo em um outro espaço por meio da performance, com Deleuze e Guattari (1995) podemos aproximar do processo de desterritorialização, não apenas do corpo, mas da própria imagem como observamos na performance “a última ceia”, onde um acontecimento da religião cristã é desterritorializado pela performance de gênero inscrita na obra e reterritorializado no solo das questões de gênero a partir de uma nova imagem, que conjuga a dimensão religiosa ao caráter político da diferença enunciada pela performance de gênero.



Lemebel, por meio da performance de gênero, reterritorializa a imagem da Santa Ceia inscrevendo nela a presença viva de um corpo marcado pela sua diferença. Com este procedimento performático questiona e intervém na realidade, utiliza a performance para desterritorializar e reterritorializar o corpo para além dos lugares instituídos que demarcam a fronteira de gênero. Nessa nova imagem produzida pela performance de Lemebel as vidas marginalizadas são reterritorializadas em um novo cenário político da diferença.

Figura 3: Chile return aids



Disponível

em: <www.google.com.br/search?q=chile+rern+aids+Lemebel&oq=chile&aqs=chrome.0.69i59j69i57j69i59l2j69i65j69i60.3724j0j7&client=ms-android-samsung&sourceid=chrome-mobile&ie=UTF-8#imgdii=3_MU1eod2fD5yM:&imgrc=d3JoK5xYuhc4FM:>

A performance “Chile Return Aids” foi realizada durante a parada gay de 1994 em Nova York, por meio dela, busca-se

denunciar os estereótipos que associam o vírus HIV às comunidades LGBTs como grupos de riscos a serem segregados socialmente, além do que a performance, também chama a atenção para a violência direcionada a estas comunidades e o crescimento da AIDS na década de 80 e início de 90, que afeta à população travesti no Chile, sem maiores atendimentos por parte do estado. Na performance:

O artista lida com a transgressão, desobstruindo os impedimentos e as interdições que a realidade coloca (a obra de arte vai se caracterizar por ser uma outra criação). A performance é basicamente uma arte de intervenção, modificadora, que visa causar uma transformação no receptor” (COHEN, 2013, p. 45-46).

Para além da mera contemplação dos lugares, o performer transita pela cidade, pela escola e estabelece processos de intervenção nestes lugares. A performance de gênero, enquanto processo de intervenção, lança questões provocativas, problematizando lugares demarcados e sacralizados, fazendo vibrar processos libertários das vidas marginalizadas, produzindo efeitos performáticos que interferem na realidade



da cidade e transformam os espaços da educação.

Uma performance de gênero insinua uma linha de fuga dos limites regulatórios e disciplinadores, transgredindo e intervindo na realidade educacional, enquanto arte de fronteira que retrata vidas em fronteiras, vidas marginalizadas, que são excluídas por não seguir o padrão heteronormativo. Para Butler, “o molde e a forma dos corpos, seu princípio unificador, suas partes combinadas são sempre figurados por uma linguagem impregnada de interesses políticos” (BUTLER, 2017, p. 217). Ao discutir por meio da performance essas questões que, geralmente, são silenciadas, abrimos outros espaços heterotópicos e de liberdade no campo educacional para expressão política e estética da diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da Performance, nos dispomos a tencionar os espaços no âmbito educacional, o corpo que se insinua como possibilidade outros de viver a sua sexualidade borrando as próprias fronteiras do gênero. Um corpo que se monta e se desmonta, uma montagem e desmontagem do corpo rompendo com a própria ideia de essência de um corpo, e colocando-o no seu plano político da invenção, um corpo

político que monta e se desmonta nesse jogo performático, e que joga com o olhar do outro, um movimento de desconstrução, que borrando as polaridades padronizadas de gêneros afirma um desejo de um corpo político, uma micropolítica de resistência, a dimensão política do corpo enquanto canal que possibilita fluir outras possibilidades de existir.

As utopias são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais. Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contra posicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao



mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente Localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei em oposição às utopias, de heterotopias. (Foucault, 2013, p. 30)

Pensamos, assim, a problematização e a invenção de novos espaços por aqueles que não se conformam com os espaços determinados, com as sexualidades e questões de gênero normalizadas pela sociedade, subjetividades inconformadas que subvertem a ordem, os padrões do corpo e da sexualidade naturalizada e inventam novas possibilidades. Buscamos trazer esses espaços de tensionamento e de invenção, mundos questionados pela performance, que afirma o lugar da diferença. A afirmação da sexualidade e do corpo, no campo da diferença produz espaços heterotópicos, ao montar e desmontar o corpo ao seu modo, mostramos a resistência e a afirmação de outros modos de vida que tensionam e recriam os espaços para além dos já sacralizados e instituídos.

A articulação do conceito de Heterotopia nos permite pensar a educação, como espaço de tensionamento e invenção, a performance de gênero como arte potencializadora de espaços heterotópicos, ao criar seu corpo ao seu modo, ao tensionar os espaços condicionados, o performer também inventa outros espaços para além dos já existentes e normalizados da sociedade. A presença da diferença produz processos libertários que borram as fronteiras demarcadas e vão reinventando-se na multiplicidade e singularidade produzindo subjetividades também livres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTO, Acácio. PASSETTI, Edson. *Anarquismos & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* / Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Michel Foucault; posfácio de Daniel Defert; tradução, Salma Tannus Muchail. São Paulo: n1 Edições, 2013.

LEMEBEL, Pedro. Performance e texto. Trad. Alejandra Rojas Covalski. Balada Literária 2013. Disponível em: www.baladaliteraria.com.br

LEMEBEL, Pedro. De perlas y cicatrices. Santiago de Chile: Editorial LOM, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. *Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas*. Marcelo de Andrade Pereira (organizador). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero